

OS TERMOS DE BENVENISTE EM “A NATUREZA DOS PRONOMES” E AS RELAÇÕES ENTRE ELES

Lia Emília Cremonese*

Comunicação apresentada no III Colóquio do PPG-Letras/UFRGS.

RESUMO: *O objetivo deste artigo é problematizar a questão terminológica no artigo de Émile Benveniste “A natureza dos pronomes”. Procura-se identificar quais palavras funcionam como termos nesse texto a partir da sua leitura, ao invés de buscar termos previamente estabelecidos no texto. A partir da identificação, propõe-se, então, uma relação entre os termos. Busca-se, de modo mais amplo, um novo olhar sobre a Teoria da Enunciação de Benveniste e sobre a organização dos termos utilizados por esse autor. Dessa forma, pode-se trazer novas perspectivas de análise para a terminologia utilizada por Benveniste e também para a Enunciação.*

PALAVRAS-CHAVE: *Termos de Émile Benveniste – Enunciação – Epistemologia da linguística*

RÉSUMÉ: *Le but de ce papier est de problématiser la question de la terminologie dans l'article d'Émile Benveniste, “La nature des pronoms”. Il cherche à identifier les mots qui servent de termes dans ce texte à partir de votre lecture, au lieu de chercher pré-établi termes dans le texte. À partir de l'identification, il est proposé, puis, une relation entre les termes. L'objectif est, plus largement, un nouveau regard sur la théorie de l'énonciation de Benveniste et l'organisation des termes utilisés par l'auteur. Ainsi, nous pouvons apporter de nouvelles perspectives à l'analyse de la terminologie utilisée par Benveniste et aussi pour l'énonciation.*

MOTS-CLÉS: *Termes d'Émile Benveniste – Énonciation – Epistémologie de la langue*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É bastante comum ouvir falar dos termos utilizados por Émile Benveniste sem problematizá-los. Na contramão desse pensamento, pergunta-se Aya Ono, em *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*: “Os textos de Benveniste, tão numerosos quanto variados em sua natureza, constituem um conjunto? Expresso em distintas disciplinas, o pensamento de Benveniste permite desenhar uma única figura de enunciação?”¹ (ONO, 2007, p. 211). A autora encontra uma dupla resposta para o seu questionamento: negativa, sob um primeiro ponto de vista, posto que “é impossível dar uma definição

* Mestre em Letras pela UFRGS, doutoranda na mesma instituição. E-mail: liacremonese@gmail.com.

¹ A tradução dos trechos aqui citados da obra de Aya Ono é nossa.

exclusiva e operacional (operacional porque exclusiva) da enunciação que dê conta de todos os aspectos evocados na obra de Benveniste” (ibid., p. 211); positiva, já que “na falta de uma definição única, saída de sua própria pena, pode-se considerar descrever a enunciação tal como é possível imaginar que Benveniste a tenha pensado” (ibid., p. 212), destaca ainda Ono que suas pesquisas “incitam a pensar que a concepção benvenistiana da enunciação tendeu à unificação das problemáticas” (ibid., p. 212). A autora propõe-se, então, a “sintetizar essa concepção ligando problemáticas e argumentos” (ibid., p. 212).

Dentre as conclusões a que chega Ono, o que nos interessa aqui, em particular, é a relação que ela estabelece a partir dos usos, por Benveniste, do termo *enunciação*, “um uso descritivo [...], que designa o ato de proferir as orações ou as fórmulas de uma maneira solene durante um ritual” e “um uso teórico” (ONO, p. 212). Diz a autora que

Somente a segunda acepção apresenta uma evolução marcada. No entanto, constatamos que os dois sentidos são ligados: o primeiro está na base do segundo, ao mesmo tempo no plano cronológico e no plano teórico. E vimos que Benveniste desenvolve essa noção não apenas utilizando a palavra enunciação, mas também os termos frase, instância de discurso e enunciado performativo.

Nós nos prendemos à análise desses últimos objetos, examinando suas relações com a enunciação. (ibid., p.212)

Queremos destacar, em especial, o fato de Aya Ono ter posto em evidência que há relações entre os diferentes termos utilizados na teoria de Émile Benveniste. Em um primeiro momento, essa aparenta ser uma dedução superficial, à medida que parece óbvio que os termos de uma teoria estão todos interligados. Essa ligação, no entanto, não é tão evidente.

Isso ocorre por dois motivos: em primeiro lugar, é preciso estabelecer com precisão quais são as palavras que, dentro do amplo referencial benvenistiano, funcionam como termos; a segunda dificuldade consiste em, exatamente, localizar, limitar e marcar as relações entre esses termos previamente identificados².

A este ponto, pode-se questionar a relevância da busca de termos de uma teoria já relativamente bastante explorada.

Vimos, em nossa dissertação³, que a Linguística da Enunciação pode ser vista como um campo de estudos constituído, com características próprias e procedimentos específicos. Também constatamos, contudo, que, no Brasil, isso não é evidente, devido à forma particular de apropriação dessa linguística por diferentes disciplinas e que um maior reconhecimento acadêmico apenas pode acontecer a partir da produção mais

² Não aprofundaremos, neste texto, a questão da noção de *termo*. Aceitamos aqui o que afirmam Krieger e Finatto (2004, p. 78) quando dizem que um termo é diferenciado por “seu conteúdo específico, propriedade que o integra a um determinado campo de especialidade”, em associação à delimitação de Finatto (2004, p.101), que afirma que “o que se dá no texto técnico-científico é um uso diferenciado de linguagem [...] e que, nesse uso, os ‘termos técnicos’ não são termos por si, mas sim estão termos numa determinada situação”.

³ CREMONESE, 2007.

intensa e da divulgação eficiente por parte dos pesquisadores ligados à Linguística da Enunciação. Nessa direção vai a realização do Dicionário de Linguística da Enunciação⁴, obra que pode ser tomada pelos seus consulentes como uma referência da organização conceitual do campo. Da mesma forma, acreditamos que uma maior especificação teórico-conceitual da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, em particular, poderá igualmente aprofundar o reconhecimento da área da Enunciação no país.

Assim, buscamos agora um novo olhar sobre a Teoria da Enunciação de Benveniste e sobre a organização dos termos utilizados por esse autor. Isso pode ser feito a partir de uma nova leitura, de um novo olhar sobre os textos de Benveniste, não apenas de “A natureza dos pronomes”, evidentemente. Dessa maneira, podemos trazer novas perspectivas de análise para a terminologia utilizada por Benveniste e também para a Enunciação. Além do benefício direto desse olhar mais acurado, possibilitando uma leitura diferenciada e aprofundada de sua teoria como um todo e, conseqüentemente, análises igualmente diversas das realizadas até este momento, é possível pensar na concretização de um dicionário que partiria da rede de termos identificada, que consideraria em especial as relações estabelecidas entre os termos.

Dentro dessa pesquisa em andamento, localiza-se o trabalho que ora aqui propomos. De maneira resumida, o que objetivamos aqui é verificar, no artigo de Benveniste, “A natureza dos pronomes” (1956), quais são as palavras que funcionam como termos e de que forma esses termos se relacionam entre si. Vale a pena ressaltar que partimos da leitura do texto para a identificação das noções que cremos pertinentes e de suas relações, e não o contrário. Essa escolha reflete uma postura ligada à Enunciação: se cada enunciação é única e irrepetível, não necessariamente uma palavra que funciona como termo em um artigo o fará em outro; assim, a única forma de efetivamente identificar os termos é a partir dos textos – de sua leitura –, e não de uma lista preestabelecida.

“A NATUREZA DOS PRONOMES” – UMA LEITURA: IDENTIFICANDO TERMOS

Benveniste principia a discussão sobre a natureza dos pronomes apontando que a universalidade dessas formas linguísticas “faz pensar que o problema dos pronomes é ao mesmo tempo um problema de linguagem e um problema de línguas, ou melhor, que só é um problema de línguas por ser, em primeiro lugar, um problema de linguagem” (BENVENISTE, 1956, p. 277) e diz que os pronomes são um fato de linguagem, e que “uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que chamaremos as ‘instâncias do discurso’, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais língua é atualizada em palavra por um locutor” (ibid., p. 277).

⁴ FLORES, Valdir do Nascimento *et al.* (Org.). *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

O autor, então, destaca o fato de que “a definição comum dos pronomes pessoais como contendo os três termos *eu, tu, ele*, abole justamente a noção de ‘pessoa’. Esta é própria somente de *eu/tu*, e falta em *ele*” (ibid., p. 277-278).

Em seguida, Benveniste mostra que o pronome *eu* só pode referir-se à realidade do discurso. *Eu* pode ser definido então como o “indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística *eu*” (ibid., p. 279). Em consequência, “obtem-se uma definição simétrica para *tu*, como o ‘indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância linguística *tu*’” (ibid., p. 279).

Diz Benveniste que “essa referência constante e necessária à instância de discurso constitui o traço que une a *eu/tu* uma série de ‘indicadores’” (ibid., p. 279). Esses indicadores somente têm valor na instância de discurso que os contém. Tal é a situação também de *aqui* e *agora*, que “delimitam a instância espacial e temporal coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso que contém *eu*”. Naturalmente, não são apenas *aqui* e *agora* que têm esse comportamento, há um “grande número de termos simples ou complexos que procedem da mesma relação: *hoje, ontem, amanhã, em três dias*, etc” (ibid., p. 279). A definição desses termos, assim, depende de uma referência cada vez única à instância do discurso à qual pertencem.

“O essencial é, portanto”, afirma Benveniste, “a relação entre o indicador (de pessoa, de tempo, de lugar, de objeto mostrado, etc.) e a presente instância de discurso” (ibid., p. 280). A referência dessas formas, portanto, não é à realidade objetiva, “mas à enunciação, cada vez única, que as contém, e refletem assim o seu próprio emprego” (ibid., p. 280). Trata-se dos “signos ‘vazios’, não referenciais com relação à ‘realidade’, sempre disponíveis, e que se tornam ‘plenos’ assim que um locutor os assume em cada instância do seu discurso” (ibid., p. 280). Esses signos são, assim, instrumentos da “conversão da linguagem em discurso” (ibid., p. 280).

Aponta Benveniste: “É identificando-se como pessoa única pronunciando *eu* que cada um dos locutores se propõe alternadamente como ‘sujeito’. Assim, o emprego tem como condição a situação de discurso e nenhuma outra” (ibid., p. 280-281). Isso se torna claro, exemplifica Benveniste, quando pensamos que, de outra forma, expressão da subjetividade de cada indivíduo ficaria comprometida, uma vez que “haveria praticamente tantas línguas quantos indivíduos e a comunicação se tornaria estritamente impossível” (ibid., p. 281). O signo *eu* “está, pois, ligado ao exercício da linguagem e declara o locutor como tal. É essa propriedade que fundamenta o discurso individual, em que cada locutor assume por sua conta a linguagem inteira” (ibid., p. 281).

Lembra Benveniste:

O hábito nos torna facilmente insensíveis a essa diferença profunda entre a linguagem como sistema de signos e a linguagem assumida como exercício do indivíduo. Quando o indivíduo se apropria dela, a linguagem se torna em instâncias de discurso, caracterizadas por esse sistema de referências internas cuja chave é *eu* e que define o indivíduo pela construção linguística particular de que ele se serve quando se enuncia como locutor. Assim, os indicadores *eu* e *tu* não podem existir como signos virtuais, não existem a não ser na

medida em que são atualizados na instância de discurso, em que marcam para cada uma das suas próprias instâncias o processo de apropriação pelo locutor. (ibid., p. 281)

Destaca também o autor que “a apropriação assinalada por esses indicadores se propague na instância de discurso a todos os elementos susceptíveis de aí ‘concordar’ formalmente” (ibid., p. 281). Todo o paradigma verbal, por exemplo, resulta dessa atualização, sendo que o tempo verbal, “que é sempre relativo à instância na qual figura a forma verbal” (ibid., p. 282), dessa forma, o tempo da enunciação é sempre presente.

Nesse momento da explanação, Benveniste chama a atenção para a classe de signos que ele denomina “plenos”: “Há enunciados de discurso, que a despeito da sua natureza individual, escapam à condição de pessoa, isto é, remetem não a eles mesmos mas a uma situação ‘objetiva’. É o domínio daquilo a que chamamos a ‘terceira pessoa’” (ibid., p. 282), que “representa de fato o membro não-marcado da correlação de pessoa” (ibid., p. 282).

Em oposição à noção de pessoa, própria a *eu/tu*, a “a ‘terceira pessoa’ é realmente uma ‘não-pessoa’” (ibid., p. 282). Diz Benveniste:

O que é preciso considerar como distintiva da “terceira pessoa” é a propriedade 1° de se combinar com qualquer referência de objeto; 2° de não ser jamais reflexiva da instância de discurso; 3° de comportar um número às vezes bastante grande de variantes pronominais ou demonstrativas; 4° de não ser compatível com o paradigma dos termos referenciais como *aqui*, *agora*, etc. (ibid., p. 282)

“A NATUREZA DOS PRONOMES”: UMA PROPOSTA DAS RELAÇÕES ENTRE OS TERMOS

A leitura acima realizada é uma forma de leitura do texto benvenistiano, talvez a mais tradicional; ou seja, uma resenha⁵ do texto. Há, entretanto, outras formas de ler e de visualizar o texto de Benveniste, e, por meio da Figura 1, mostramos uma dessas possibilidades:

⁵ Entendemos por *resenha* um gênero em que se faz a síntese das informações de um documento com análise crítica do material analisado.

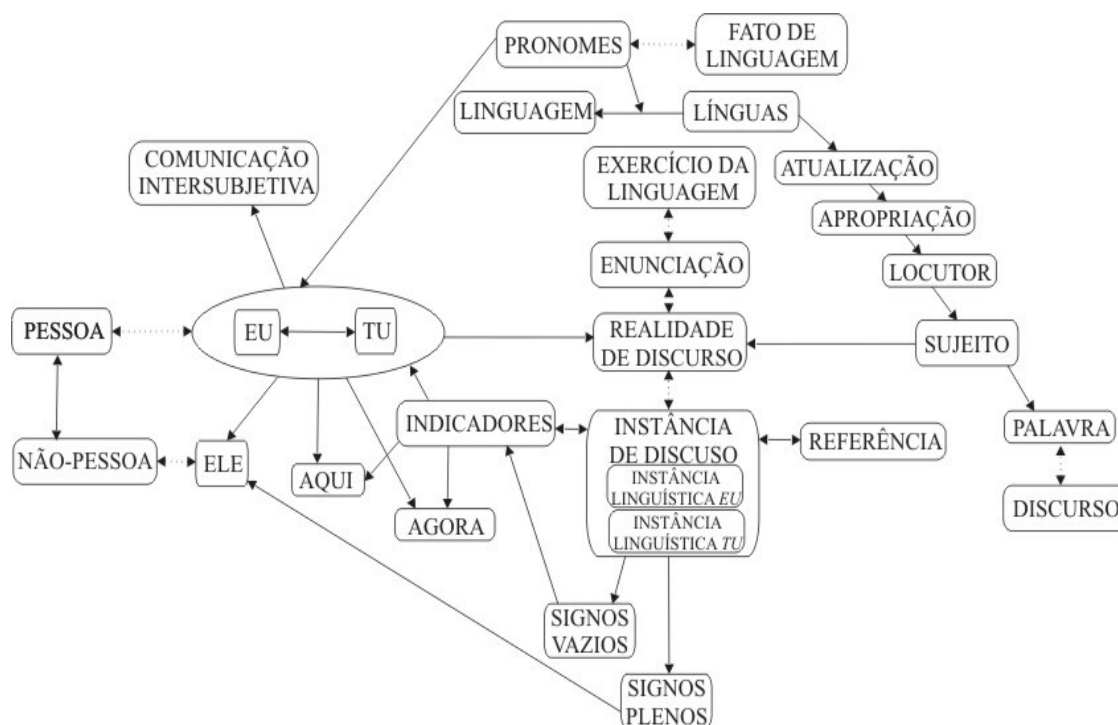


Figura 1 – Proposta de relações entre os termos de Benveniste em “A natureza dos pronomes”.

Na Figura 1, vemos as palavras que identificamos como sendo os termos do artigo “A natureza dos pronomes”. Não se trata, contudo, apenas dos termos, mas também de uma proposta de relações que se estabelecem entre eles no texto.

Notemos que há diferentes estatutos de relações, o que é verificado pelo tipo de linha utilizado nas setas. As linhas contínuas são utilizadas para marcar que os conceitos dos termos em questão estão ligados no texto, de forma que para o entendimento pleno de um é preciso recorrer ao outro. Já as linhas tracejadas indicam que os termos ligados dessa forma funcionam de maneira equivalente no artigo benvenistiano em questão.

Por exemplo: no contexto do artigo, segundo nossa leitura, vemos que o termo *línguas*, relaciona-se a *linguagem*, mas também a *atualização*, que, por sua vez, se liga a *apropriação*, que se relaciona com *locutor*, que se liga a *sujeito*, que se relaciona simultaneamente a *palavra* (que equivale, neste texto, a *discurso*) e a *realidade de discurso*. Esta equivale a *enunicação*, *exercício da linguagem* e *instância de discurso*, que se liga a *indicadores*, a *referência* a *signos vazios* e a *signos plenos*.

Também há, na figura, relações estabelecidas entre termos de forma bilateral, mas também há relações somente de um termo a outro.

Por exemplo: *línguas* leva a *linguagem*, mas *linguagem* não leva a *línguas*.

Ademais, há o exemplo do termo *instância de discurso*, que abarca outros termos, no caso *instância linguística “eu”* e *instância linguística “tu”*.

Por fim, há relações estabelecidas de forma diferenciada. É o caso de *pronomes*, que se liga à relação estabelecida entre os termos *línguas* e *linguagem*, e não aos termos em si. Da mesma maneira, é à relação entre os termos *eu* e *tu* que se ligam outros termos e que equivale o termo *pessoa*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não analisaremos exaustivamente todas as relações estabelecidas, até porque isso pode fazer o leitor, se assim o quiser, verificando as relações aqui propostas – podendo concordar com elas ou discordar delas. Pensamos ser mais importante, neste ponto, destacar que efetivamente os termos estão intrinsecamente interligados, formando uma rede de noções.

A partir de tais noções e da rede por elas formadas, podemos ver o e pensar sobre o artigo de Benveniste de forma diversa das feitas até o momento. Especialmente, se verificarmos as relações estabelecidas entre os termos de outros textos, internamente, e as relações entre as redes formadas a partir dos termos de diferentes artigos, é possível perceber as diferenças e semelhanças entre os diversos momentos do pensamento benvenistiano, e, a partir disso, estabelecer conceituações mais apropriadas aos termos, chegando a uma maior clareza a respeito da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste.

Acreditamos que a relevância de uma tal busca decorre do fato de que uma configuração da relação entre termos reflete uma leitura da teoria, o que não significa que seja a única leitura possível. Trata-se sempre de uma escolha.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. 4a ed. Campinas, SP: Pontes, 1956/1995.
- CREMONESE, Lia Emília. *Bases epistemológicas para a elaboração de um dicionário de linguística da enunciação*. 2007. 179f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS.
- FINATTO, Maria José Bocorny. Terminologia e linguística de corpus: da perspectiva enunciativa aos novos enfoques do texto técnico-científico. *Letras de hoje – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS*, Porto Alegre, v. 39, n. 138, p. 217-230, dez. 2004.
- FLORES, Valdir do Nascimento *et al.* (Org.). *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- ONO, Aya. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges, France: Lambert-Lucas, 2007.